

O Incrível João de Minas

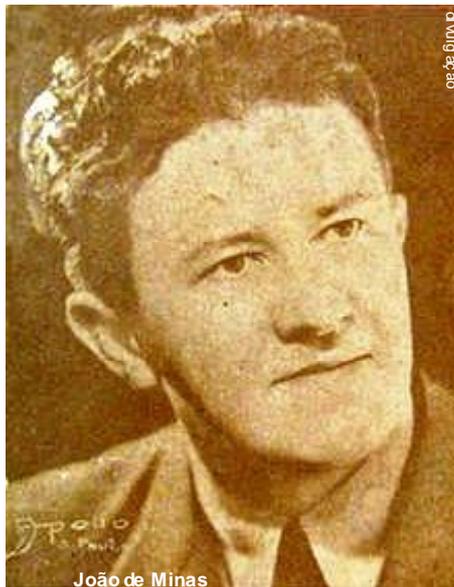
Caio Porfírio Carneiro

Na juventude, ainda residindo em Fortaleza, leitor inveterado, caiu-se às mãos, de empréstimo, um livro impactante, desnorteador, de histórias meio fantásticas, mas sem fugirem de uma realidade pulsante, que jamais vira em outros escritores. Em São Paulo, para onde me transferi, procurei descobrir quem seria esse escritor. O livro se chamava *Mulheres e Monstros*. Fui à Biblioteca Municipal e lá encontrei dois livros do autor: *Jantando um Defunto* e *Farras com o Demônio*. Mesmo impacto. No primeiro, malha a *Coluna Prestes*, que varava os sertões do País. Uma malhação bárbara e fantasiosa, mas que empolgava. No segundo, envoltórias mirabolantes e meio mágicas, calcadas numa realidade doída.

A leitura desse autor me fascinava. Estilo palpitante, elegante, valendo-se sempre de um vocabulário rico, surpreendente e vívido, fugindo, porém, do precioso. Estilo personalíssimo e notável. E procurei me informar mais e mais sobre esse escritor do final da década de vinte e anos trinta do século que passou. Assinava-se João de Minas.

De tanto vasculhar, particularmente quando entrei para a União Brasileira de Escritores e assumi a secretaria administrativa da entidade, juntei alguns dados sobre o tal escritor desconhecido e publiquei, no suplemento do Diário Oficial, um artigo sobre ele, de igual título: *O Incrível João de Minas*. Fiquei sabendo que se chamava Ariosto Palombo, nascido em Ouro Preto. Tornara-se jornalista e viveu uma vida meio aventureira. Fixou-se, durante bom tempo, em Uberaba e se ligou ao jornal local *Lavoura & Comércio*. Mas, inquieto como era, girou por muitas cidades, colaborou em muitos jornais, meteu-se em viagens pelo Brasil central, ainda precariamente desbravado. Escreveu, em consequência, histórias saborosas dessas viagens, cheias de realidades e fantasias. Fez conferências concorridas porque, com a sua imaginação fértil e febril, num adela garantiu que vira, nos sertões de Mato Grosso, um jacaré-elefante.

Assinava João de Minas, seguindo o hábito de outros de renome das nossas letras: João do Rio (escritor Paulo Barreto, a quem admirava) e João do Norte (escritor e historiador Gustavo



Barroso, do Ceará). Então, sendo mineiro, inteligente, imaginoso e inventivo, teria de ser, com o foi, o João de Minas. Ariosto Palombo só nos documentos.

O escritor Bernardo Élis, de Goiás, que o conheceu, contou-me passagens incríveis de João de Minas. Um irrequieto indomável, cheio de planos mirabolantes, ao lado de um escritor notável. Dizia-me que João de Minas foi o primeiro escritor brasileiro a trazer ao vivo, com um impacto pulsante e poético, a literatura fantástica. Nisto eu creio. Guardo na memória passagens de seus livros que se perpetuaram na minha lembrança e sensibilidade. Todo o livro *A Mulher Carioca aos 22 anos* é um desatarde amarras da moral rígida da época, sem descambar para a chulice.

Subia na vida e desaparecia. Anunciava livros maravilhosos, que nunca vieram a público. Quando elogiava alguém, punha-o no céu; quando atacava, arrasava-o por inteiro.

Resolveu abandonar as letras e fundou uma igreja, com sede aqui em São Paulo, denominada *Igreja Comunista Cristã Científica*. Escreveu uma bíblia, nomeou bispos, angariou adeptos. Tentou, com o papa da sua igreja, entrar para a União Brasileira de Escritores, pouco depois da criação desta, em 1958. Contou-me o escritor Antônio D'Elia, um dos diretores da entidade, que o

presidente Paulo Duarte vetou a proposta, por achá-lo inconsequente e avoado. Alguns diretores, porém, foram a favor de sua inscrição, porque, segundo estes, o que importava era a sua obra literária, de alto valor. Mas não houve jeito e ele, João de Minas, sentiu-se muito magoado. Mas silenciou. Não investiu contra UBE.

Fundou outras entidades, inclusive a Academia de Ciências Ocultas, e se denominava Mahatma Patiala.

Tudo isso ia se somando na via de João de Minas. A de escritor ficando para traz Escrevia, de preferência à mão. Os originais de *A Mulher Carioca aos 22 Anos* foram escritos em tiras de papel, a lápis, formando um calhamço. Leu-o para Veiga Miranda tudo aquilo, em meados de 1932, na cidade de Franca, como informa na apresentação do livro. O que ele fazia em Franca, nas suas andanças, não consegui descobrir. Veiga Miranda foi taxativo e o próprio João de Minas acrescenta isso: "Gostei muito. Mas você ou é um precursor, que a crítica literária mais tarde elevará às culminâncias, ou um louco banal, um tarado."

Assim era o João de Minas, coberto de elogios da crítica da época, muito especialmente de Humberto de Campos, que o exaltava.

Viu-o, uma única vez, na televisão, há muitos anos, dando um a entrevista sobre um mundo de assuntos.

Aderbal Freire-Filho, no posfácio de *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, traça-lhe um perfil minucioso e bem elaborado.

Foi desaparecendo, desaparecendo, e apagou de vez, recolhido na cidade de Boituva, próxima à capital paulista, onde faleceu, em 1984 e lá foi sepultado.

Ao longo da sua vida plena de surpresas casou-se e deixou descendentes.

O escritor Rui Ribeiro muito fez para desvendar-lhe os "mistérios" e trazer ao vivo sua obra. Encontrou muitas barreiras, que as lacunas persistem. E Leandro Almeida apresentou teses de Mestrado e Doutorado na USP (Universidade de São Paulo) sobre a obra de João de Minas.

Vamos ver se será o renascimento do seu nome e sua obra. E de tantos outros escritores de valor que continuam esquecidos.

Aguardemos.

Caio Porfírio Carneiro é escritor, crítico literário e membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Boa Leitura

Rosani Abou Adal

Boas Festas e um Ano Novo repleto de paz, amor, saúde, alegrias, realizações e muita leitura é o que desejamos aos nossos amigos, colaboradores, clientes, assinantes, leitores e à equipe da *Tribuna Piracicabana*.

Vamos juntos comemorar mais um ano de circulação ininterrupta e alcançar, em setembro de 2014, os 25 anos.

Agradecemos a todos que nos acompanham ao longo desses anos. Um agradecimento especial à Livraria Brandão, ao Dr. Genésio Pereira Filho e à Débora Novaes de Castro que nos apoiaram desde os primeiros anos e foram fundamentais para manter nossa história viva nestes 24 anos de existência.

Aproveitem os, também, para agradecer os cartões e mensagens eletrônicas recebidas.

Esperamos que as sementes que plantamos germinem frutos e que os livros estejam presentes em todas as mesas no Natal. Que eles façam parte das cestas natalinas e possam alimentar a alma.

Somente com livros poderemos construir um mundo melhor.

Onosso Lobato dizia: "Um país se faz com homens e livros".

Não é possível fazer um homem sem livros. A leitura é fundamental para que possamos construir seres mais humanos.

Vamos repensar no desperdício e fazer um Natal melhor, porque existe muita fartura nas mesas que necessitam ser evitada. Existem milhões de pessoas no Planeta a morrer de fome.

Na maioria das casas os animais mortos, expostos nas mesas com os olhos esbugalhados, vão para o lixo em vez de alimentar barrigas raquíticas.

Os animais - racionais e irracionais - pedem clemência. Eles imploram pela vida, por mais um dia de vida. Nas mesas natalinas vamos substituir defuntos e cadáveres por livros para poder alimentar a nossa alma.

O Planeta não aguenta mais tanto desperdício.

Vamos construir um mundo melhor, com livros e homens.

Uma boa leitura a todos.

Rosani Abou Adal é escritora, poeta, jornalista e vice-presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo.

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade mensal - Site: www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928-2004) e Rosani Abou Adal (MTB: 18194)

Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

Publicidade: Rosani Abou Adal - Telefax: (11) 2693-0392

CGC: 61.831.312/0001-02 - CCM: 98964744 - I.E.: 113.273.517.110

Distribuição: Encarte no jornal *A Tribuna Piracicabana* - distribuído em

livrarias, faculdades, professores, escolas, escritores, entidades,

assinantes, espaços culturais e bibliotecas.

Impresso nas oficinas de *A Tribuna Piracicabana*

R Tiradentes, 347 - Piracicaba - SP - 13400-760

Ilustrações, selos e logo de Xavier - www.xavi.com.br

Os artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores.

O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

APRENDENDO A VIVER

Raymundo Farias de Oliveira

Saio da triste cerimônia de cremação do corpo de meu querido amigo de tantos anos debatendo-me numa rede de penosas reflexões. Na verdade, a cerimônia consiste num doloroso silêncio de espera, na profunda emoção que se adensa na fisionomia dos presentes e na comovedora música que inunda o ambiente, quando a pesada tampa se ergue, com um ruído solenemente fúnebre, e o caixão, vindo lá de baixo em cima de um pedestal, para ali no centro daquele espaço circunferencial rodeado pelos familiares e amigos do morto, sentados em suas poltronas.

Felizmente, não vemos a cremação. Nem quero imaginar a cena onde o corpo de um amigo querido é queimado, incinerado até virar cinzas. Cinzas e nada mais - para os que só acreditam na matéria e desprezam Platão. A cremação ocorre depois, dentro de um esquema de funcionamento do crematório, em dias determinados. Depois, as cinzas são entregues em embalagem própria aos familiares e aí vão para algum lugar escolhido pelo próprio morto ou por seus familiares. As de Jorge Amado foram parar no pé de uma árvore frondosa em cuja sombra o escritor gostava de descansar na quietude de seu quintal.

Eu disse triste cerimônia. E é mesmo. Toda cerimônia fúnebre é triste. Quem consegue contemplar o rosto e o corpo inerte de um ami-

go dormindo entre cri-sântemos num caixão sem mergulhar, com tristeza, em indagações profundas sobre o mistério da vida ou da morte? Por mais que saibamos que o homem é um "ser temporal" ou que a morte faz parte da vida (como disse Paulo

Autran) ou que a morte é uma "passagem" para outro plano, o certo é que o falecimento de uma pessoa querida nos choca, nos abate e nos deixa um sentimento de solidão e saudade. O homem não escapa da trágica dicotomia de viver com a certeza da morte (Erich Fromm).

Aquele amigo com quem você almoçava e sorvia um bom vinho da amizade em mesas quase cativas nos restaurantes, botando a conversa em dia, o garçon amigo nos distinguindo com sua atenção, agora está ausente. Nosso aperto de mão e o abraço fraterno a cada encontro e despedida se instalaram no passado. E por mais que nos agarremos à fé, sempre sobra uma pontinha de "angústia metafísica".

Então, gente, o negócio é invocar Charles Chaplin. A vida é um teatro. Vamos cantar, comer, beber, pular (e eu acrescento: fazer o bem), viver intensamente, antes que a peça chegue ao fim, sem nenhum aplauso.

24.09.2013

Raymundo Farias de Oliveira é escritor e procurador do Estado aposentado.

Indicador Profissional



Genésio Pereira Filho

Advogado

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - cjs. 62/64

São Paulo - SP - 01318-903 - Tel.: (11) 3107-7589

JEAN-PAUL MESTAS

Arcy Curvello

Com grande pesar, registro minha despedida a um grande amigo pessoal, um grande amigo da poesia e sobretudo do Brasil, nosso país que ele tanto amou.

Jean-Paul Mestas nasceu em Paris em 15 de novembro de 1925, onde veio a falecer em 24 de novembro de 2013. Ainda adolescente juntou-se às forças da Resistência, tendo lutado contra os ocupantes nazistas da França, quando foi ferido gravemente. Graduou-se em Letras e em Ciências Políticas. Foi professor de Literatura Romena, na Sorbonne, até aposentar-se, quando passou a viver em Nancy e depois em Vichy, voltando a Paris em 2010.

Em 1949 iniciou a publicação de sua poesia na revista *Janus*. A partir dos anos cinquenta, procurou conhecer a poesia latino-americana, sobretudo a do Brasil e do Uruguai, dos países do Leste europeu e da Ásia, além daquela de Portugal e da Grécia. Publicou ensaios sobre a obra de vários autores, franceses como Charles Péguy, e de outros países, como Yannis Ritsos, Nichita Stănescu, Mara Guimarães, Marguerite Grépon. Em 1977, com a pintora Christiane Mestas, fundou os cadernos de poesia "Jalons", os quais se encerraram em 2009, com o número 95, em cuja coleção traduziu e publicou mais de 50 poetas brasileiros. Mestas é autor de quase uma centena de obras editadas em sete países, sobretudo de poesia e ensaios. Poemas seus estão traduzidos em mais de vinte idiomas.

Sua generosidade e seu espírito aberto impressionaram a todos que o conheceram. Tive essa honra e esse prazer em outubro de 2001, na capital portuguesa, quando do lançamento de "Um Mundo no Coração/ Un Monde au Coeur" [Lisboa: Universitária Editora, 2001], em que reuniu e transpôs para Português/Francês poetas de cinquenta e sete países, inclusive cinco brasileiros [o autor destas mal

traçadas, mais Alice Spíndola, Geraldo Vidigal, Rosani Abou Adal, Selmo Vasconcellos]. O evento ocorreu no Mosteiro dos Jerônimos, o Panteão português, em doze repousam Vasco da Gama e Camões. Bem próxima está a Torre de Belém, à beira do Tejo.

Um ano antes, pela mesma editora lisboeta Mestas lançara "Reflexos da Poesia Contemporânea do Brasil, França, Itália e Portugal", com doze brasileiros, doze franceses, doze italianos e treze portugueses (inclusive o grande Eugénio de Andrade). Estou entre os poetas do Brasil [como Elizabeth Rennó, Rosani Abou Adal, Stella Leonardos, entre outros], contudo na época não me foi possível deslocar-me até Lisboa. Em 2001, vê-se, era questão de honra para mim estar presente no Mosteiro, bem como no dia seguinte participar do almoço oferecido a Mestas e esposa pelo artista plástico e poeta português Miguel Barbosa e Fernanda em sua casa.

Mestas ainda organizou e lançou, em 2003, pela mesma editora de Lisboa uma terceira grande antologia internacional, com poetas de cem países de todos os continentes, em Português/Francês, em que predominaram os portugueses (onze) e brasileiros (dez), em que ele mais uma vez me distinguiu, desta vez com, entre outros, Astrid Cabral e Lívia Paulini. "Povos e Poemas/ Peoples et Poèmes" é uma obra de grande fôlego, em que estão conhecidos autores da Oceania como Joy Baudette Cripps e Geoffrey C. Parsons (Austrália), Veronica Haughey e Willow Macky (Nova Zelândia), Bernard Hewitt (Nova Guiné-Papua), entre outros de países do Leste europeu, da África, da Ásia e da América Latina.

Foi com grande surpresa que recebi, em 2004, do grande ensaísta português Joaquim de Montezuma de Carvalho, uma cópia do ensaio do poeta luso Cristiano Cortes, publicado no suplemento do grande diário "O Primeiro de Janeiro", da cidade do Porto [*Povos e Poemas, um*

assombro de informação e gosto! ... Suplem. Das Artes Das Letras, 1º mar. 2004, pp. 16-17] em que o autor dá notícia de seu levantamento das antologias (livros e livretos na Europa) organizadas por Mestas, em que ele indicou ser o poeta brasileiro mais incluído e mais traduzido o Arcy Curvello, a começar por "Brésil 500 Ans. Nancy: Editions Jalons, 2000".

Não bastasse isso, Mestas organizou um livro bilingue (Port./Francês) com meu poema mais longo "O Acampamento", ensaios do grande crítico Fábio Lucas e dos escritores Nicodemos Sena e Dilermando Rocha, lançado por Les Presses Littéraires em 2006. Não há gratidão com que retribuir tal gesto.

Serra, 8 de Agosto de 2006.

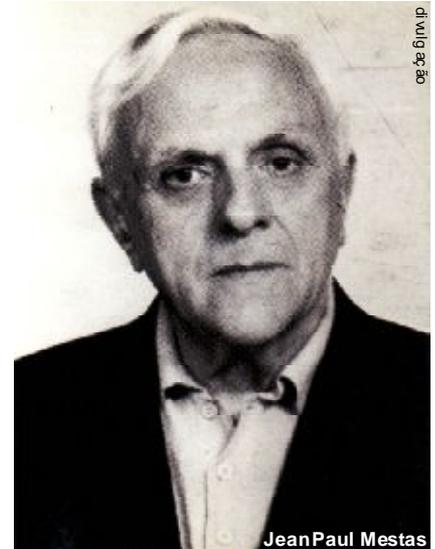
Caro Jean-Paul,

Estimo que você e Chris estejam bem de saúde e em paz.

Recebi sua carta em que acusa haver chegado a suas mãos os 2 exemplares do jornal "Vaia", comemorando o 1º centenário de nascimento do poeta gaúcho Mário Quintana (1906-2006). Fiquei sabendo que ele e o senhor seu pai, Mestas, nasceram no mesmo ano. Espero que tenha gostado de meu texto sobre o poeta, "As torturas lentas da expressão".

Hoje, envio-lhe o recorte da coluna "Diversos Caminhos", do Zanoto, do diário "Correio do Sul", da cidade de Varginha (Minas Gerais), de 15 e 16 de julho de 2006, 1º caderno, página 4. Eu havia remetido a ele um exemplar de "Um Mundo no Coração/ Um Monde au Coeur" e agora ele publicou uma simpática nota, mencionando você e incluindo a foto da capa do livro, bem como transcreveu o meu poema "Fluir". Para os seus arquivos.

Rosani Abou Adal fez-me uma excelente surpresa. Estampou na capa do "Linguagem Viva" um bom



Jean-Paul Mestas

artigo do escritor Dilermando Rocha a respeito de "O Acampamento", com minha foto, na sua edição de Julho deste ano. Aqui segue um exemplar.

Também segue um exemplar da bela revista "O Escritor" nº 112, de São Paulo, março de 2006, da União Brasileira de Escritores, trazendo nas páginas 90 e 91 o mesmo artigo do Dilermando Rocha (ex-professor do Centro de Estudos Brasileños e da Universidad El Salvador, de Buenos Aires, e residindo no Brasil hoje). A foto da capa do livro editado por Les Presses Littéraires permite claramente ver o seu nome, Jean-Paul.

Como uma lembrança para você e Chris, deste seu amigo, remeto-lhes quatro postais que foram agora editados com fotos de telas do artista plástico Hélvio Lima, que compôs toda uma série delas ("O Chão que a gente pisa"), aplicando sobre cada uma versos de minha autoria. As 3 primeiras telas receberam o 1º lugar (Medalha de Ouro) no Salão Internacional de Brasília, do Proyecto Cultural Sur, em 2001.

Com a estima e a admiração do
A. C.

Arcy Curvello é poeta, escritor, ensaísta e tradutor.

Nuestra Buenos Aires

Rodolfo Konder

O Rio da Prata corre milhares de quilômetros, curva-se, desdobra-se, vem de longe para acariciar Buenos Aires e, em seguida, mergulhar nas águas do Oceano Atlântico e desaparecer. A cidade, lisonjeada, deita-se e se estende, sempre no plano, com suas ruas largas e arborizadas, suas praças alegres e suas avenidas movimentadas. Buenos Aires é azul na primavera. De qualquer canto se vê o céu. É uma cidade térrea, elegante, sensual, que se entrega às carícias, tanto do Rio da Prata, corno dos visitantes deslumbrados.

Os navios que pela primeira vez feriram esta terra com sua quilhas, chegaram pelo rio, caminho para a grande aventura da conquista. Os espanhóis desembarcaram com o aço de suas espadas e armaduras, a pólvora de suas armas de fogo — e uma vontade incontrolável de dominar e explorar. Legaram aos argentinos sua combatividade, sua religião e sua arquitetura. Ainda hoje, Buenos Aires também é uma cidade espanhola.

Na região central, quem percorre as ruas Florida, Lavalle, Maipú, Esmeralda, encontra excelentes restaurantes, cafés tradicionais, lojas de todos os tipos, livrarias, bancos - enfim, há de tudo ali. O antigo prédio de uma estação ferroviária foi adap-

tado para se tornar um moderno shopping center: a Galeria Pacífico. Na Calle Suipacha, a Confeitaria Ideal tem a solidez e o charme dos anos dourados da velha Argentina, com suas colunas escuras, cadeiras estofadas — e um cartaz que diz: “es proibido escupir en el suelo”. Na Florida, o Café Richmond é outro ponto obrigatório.

Na mesa mais ao fundo, quatro homens de cabelos brancos, todos de terno e gravata, tomam café. Mais perto da entrada, duas mulheres de cabeças grisalhas, discretas e elegantes, bebem chá. À minha frente, um cavalheiro solitário, de terno e colete, lenço combinando com a gravata, cabelos fartos penteados para trás, segura um “cortado”, café com leite em xícara pequena — e lê o jornal El Clarín. São cinco horas da tarde. Talvez sejam sempre cinco horas da tarde, nos cafés de Buenos Aires. No poema de Lorca, no Richmond ou no Tortoni (na avenida de Mayo), serão sempre “las cinco en punto de la tarde”.

“Sonhadora, doce e gentil como as grandes atrizes de cinema, Buenos Aires só não é gorda porque, vaidosa, movimenta-se muito. Mas é uma cidade onde se come de maneira voraz. É uma das capitais gastronômicas do mundo. Apesar dos nomes estranhos — “chicharrones”, “chichulines”, “chivitos”, “pechugas de pavita” — a comida domina e

obseca turistas ou portenhos. No velho porto, obsoleto desde os anos 40, a Prefeitura se aliou à iniciativa privada para transformar as infundáveis construções inglesas de tijolinhos em um conjunto horizontal de restaurantes, acompanhado por um calçadão que o separa do rio e dos imensos guindastes abandonados, hoje peças pré-históricas de decoração. O cardápio é ilimitado, mas a minha sugestão vai para os frutos do mar. Os camarões, em especial, são mais baratos ainda porque o amigo Roberto Ring pagou a conta.

Um passeio pela Recoleta nos leva a Paris. Os prédios ali são cópias de áreas inteiras da capital francesa. Na avenida Alvear, deveríamos falar francês. Umsorvete do Freddo, um “cortado” no Biela ou no Café de la Paix, do outro lado da rua. A sombra de uma árvore secular, na praça em frente. O cemitério e o túmulo da família Duarte, onde repousa Evita Perón. Uma caminhada pelo Design Center. Não há nada mais civilizado do que uma tarde de sol na Recoleta.

Buenos Aires é como Nova York e São Paulo: não dorme. De madrugada, há gente nas mas, nos restaurantes, nas livrarias. Ao lado de cada loja, encontramos uma livraria ou um centro de cultura. Junto à Galeria Pacífico, por exemplo, fica o Centro Cultural Jorge Luis Borges. Cinemas cheios, teatros lotados, museus, monumentos, galerias, parques que se multiplicam, bosques corno os de Palermo. No suntuoso Teatro Colón, a Filarmônica de Buenos Aires, dirigida com rara competência por Pedro Paulo Garcia Caffi, apresenta uma peça do argentino Pascual de Rogatis, um concerto de Tchaikovsky



Centro Cultural Borges - Argentina

e uma sinfonia de Mendelssohn. Há templos para todas as religiões e feiras para todo tipo de consumo. De dia e de noite. Sem medo e sem violência.

Os dias do nacionalismo estatizante de Juan Perón ficaram para trás. Atropelou-os a globalização da economia. Em outubro, o falecido Perón teria completado 118 anos. Mas quem se importa com isso? Ele se tornou um “esquecido e ignorado nome de rua”, como diria Mário de Andrade. É hoje a rua Tenente General Juan Domingo Perón, nome grandiloquente para uma via secundária. Ou ressurgiu timidamente num cartaz de parede — “orgulho de ser peronista” — que os transeuntes passam sem ver.

A cidade moderna, irresistível, está ali diante de nós. Com o nascimento do Mercosul, bloco a que atrelamos os nossos destinos, Buenos Aires deixa de ser exclusivamente argentina como São Paulo já não é apenas brasileira. Agora, ela também é nossa. A nossa querida Buenos Aires do tango — “una tristeza que se baila” — da “parrilla”, do teatro Colón e de Borges.

Rodolfo Konder é jornalista, escritor, Diretor da ABI em São Paulo e membro do Conselho Municipal de Educação.

Cupom de Assinatura



Assinatura Anual: R\$ 70,00

Assinatura Semestral: R\$ 35,00

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

Estado: _____ Tel.: _____

E-mail: _____

Depósito: Banco Itaú - Rosani Abou Adal ME - agência: 0211- conta: 67518-6 - CNPJ: 61.831.012/0001-52

Envie cheque nominal ou vale postal à Rua Herval, 902
São Paulo - SP - 03062-000
Tel.: (11) 2693-0392 - Cel.: 97358-6255
linguagemviva@linguagemviva.com.br

LINGUAGEM VIVA

www.linguagemviva.com.br

Consulte nossa tabela de preços

Linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tel.: (11) 2693-0392 - 7358-6255

Morre o Escritor James Amado

Cyro de Mattos

Morreu em casa, vítima de falência múltipla dos órgãos, em Salvador, na Bahia, dia 1 de dezembro, domingo, aos 91 anos, o escritor James Amado, irmão caçula do romancista Jorge Amado (1912-2001). Foi sepultado às 17 horas de segunda-feira, no cemitério Jardim da Saudade, em Salvador, onde o corpo foi velado na Capela F.

Segundo Paloma, sobrinha de James, o último domingo foi de dor e saudade.

— Estou completamente destruída. Meu pensamento está todo voltado para minha tia Luiza, mulher formidável, e para meus queridos Janaína, Inaê, Maurício e Fernanda, mais que primos, irmãos muito amados, ela completou.

Terceiro e último filho de João Amado de Faria e Eulália Leal Amado, desbravadores da Região Cacaueira Baiana, na época da conquista da terra, James Amado nasceu em Ilhéus, em 1922, no sul da Bahia. Ele era o último irmão vivo de Jorge Amado. Membro da Academia de Letras da Bahia desde 1990, ocupou a cadeira de número 27, cujo patrono é Francisco Rodrigues da Silva e que antes foi ocupada pelo jornalista Antonio Loureiro.

James Amado escreveu o romance *Chamado do Mar*, que tem como cenário Pontal dos Ilhéus, no sul da Bahia, que serve de fundo para a exibição de conflitos interiores e sociais vividos por pescadores numa colônia de pesca. É um dos romances mais vigorosos da ficção brasileira que tem como motivação o mar e sua gente, narrado com a técnica moderna dos ficcionistas



divulgação

norte-americanos, que trouxeram para a estrutura do romance após a Segunda Guerra Mundial o uso do contraponto e do tempo desmembrado. Até hoje guarda o segredo da perene atualidade. James Amado foi também o responsável pela edição das Obras Completas de Gregório de Matos, publicadas pela Editora Janaina, Salvador. Além de escritor como o irmão Jorge, James também foi tradutor e jornalista no Rio. Era formado em Sociologia e Política.

Foi casado três vezes: com Jacinta Passos, com Gisela Magalhães e também com Luiza Ramos Amado, filha do escritor Graciliano Ramos, sua última mulher. Deixa quatro filhos: Janaína, Inaê, Maurício e Fernanda.

- Somos da mesma região e temos tradição de luta e esforço pelas causas sociais. Ele era um grande amigo, afetuoso. Toda semana, nós nos encontrávamos na "Ceasinha", nas quintas do Edinho para conversar, lembra o escritor, poeta e membro da Academia de Letras da Bahia, Florisvaldo Mattos.

Cyro de Mattos é escritor, poeta, contista, cronista, ensaísta, advogado e crítico.

A sina de adiar os dias

Leo Barbosa

Manhãs adiadas. Dias adiados, vidas adiadas, entrecruzando-se entre o querer e o poder ser. Personagens dotadas de desejos que se camuflam nas suas rotineiras atividades. Linguagem poética. Ações rápidas. O feminino assolado pelo caos que o cotidiano impõe. Essas são as impressões iniciais que nos invade durante a leitura de "Manhãs adiadas" (Dobra Editorial, SP, 2012), de Eltânia André, que tanto protelei ler porque sabia que estava diante de uma obra complexa, com fortes construções psicológicas, e que meu pragmatismo diário não me permitia absorvê-la se por ele estivesse sendo consumido.

Por isso estou aqui, ainda ruminando os signos e os símbolos que encontramos nesta obra. A começar pela primeira narrativa, "Parábola de Olgamaria", que é concluída com um anagrama em forma de palavra-cruzada, revelando a ousadia que a autora tem ao explorar as várias manifestações linguísticas.

O 2º conto, "Sem atalhos nem desvios", inicia-se com uma vírgula, recurso semelhante ao que Clarice Lispector utilizou na obra "Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres", sugerindo a interrupção antes dos fatos a serem percorridos.

Outro recurso de que se vale Eltânia é de intercalar versos entre parágrafos, rompendo a formalidade tão cara a muitos escritores canonizados. Mais uma vez é audaciosa em romper com a construção da narrativa, lembrando que os gêneros não são estáveis (ainda mais em se tratando de literatura).

Em "Cortejo das Marias", 3º conto, a nostalgia é a grande protagonista: "presente e passado numa estreita sintonia cavalgam sem cronologia sobre nossa história, na tentativa de preencher silêncios". Nessa tentativa (certeira), a escritora dialoga com Fernando Pessoa e Manuel Bandeira. Bandeiriana, esta narrativa nos remete ao poema "Profundamente". Não vou me delongar - o leitor interessado, procure o conto e o poema.

Em "Fascinio" a narrativa se desenrola aos moldes hitchcockianos através de uma "Janela indiscreta",

mas aqui não se trata de observar um suspeito assassino, mas de uma adúltera a qual é vigiada por uma vizinha invejosa. Ela não suporta o fato de a outra possuir mais juventude e beleza, vivendo seus dias numa neurose alimentada por uma fresta na janela.

Em "Cogito Ergo sum" notamos a presença da comida, que, por sinal, está presente em várias dessas histórias, a saber: "Parábola de Olgamaria", "Fascinio" e "A solidão de Alzira". Iguarias gastronômicas que não são meros acessórios, mas que, de fato, cumprem um papel importante na construção do clima narrativo.

Nessas histórias, Eltânia retrata o cotidiano rural e urbano com a mesma propriedade. Ao primeiro não confere o estigma do matuto e, ao segundo, o de megalomaniaco - risco iminente de quem trabalha com esses cenários.

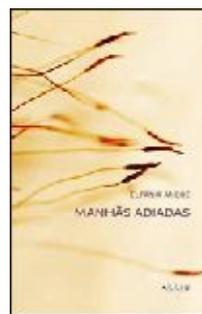
Chama-nos atenção os signos ligados ao tempo - "a parábola", "atalho", "pássaros", "cigarra", "esperas", "rodoviária", "águas", "borboletas", "estações" - que conferem coerência e coesão à obra e nos relembram o quão transitória é a vida.

"Os ponteiros são as inclementes vértebras do tempo, resíduo de amarguras no latifúndio de amarguras da existência, essa inesgotável e mecânica espiral do espírito rendido às inutilidades".

Creio que o grande mérito de Eltânia André, nesta obra, seja a construção das personagens que, em sua maioria, são seres que carregam a sina de viver suas vidinhas sem grandes novidades, adiam manhãs, dias, anos e a própria vida para ter a segurança que a rotina lhes dá. Quando um sentido às vinculam à vida, o clímax das estórias consiste em retirar-lhes o fio que as atam a seus dia-a-dia.

Ademais, os contos são predominantemente memorialísticos e nostálgicos o que reforça a ideia de que "o passado, esse animal hibernado, que intermitente, mas feroz, acorda e não sossega dentro da gente, urrando, urrando..."

Leo Barbosa é escritor, professor, crítico, colunista do Correio da Paraíba e autor de "Lutos Diários" (Poesia, Ed. Patuá, SP, 2013).



LIVRARIA BRANDÃO

Compram-se bibliotecas e lotes de livros usados.

Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Telefone: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - Fax: (Todos)
Ramal 23 - São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/|
oldbook@terra.com.br - www.brandaojrestantevirtual.com.br

MANDELA

Emanuel Medeiros Vieira

“Certas pessoas, raríssimas, parecem acima da condição humana. Nelson Mandela foi um desses seres inexplicáveis. Passar na prisão 27 anos, com a consciência de que só lhe acontecia assim por defender uma das mais grandiosas causas universais, e emergir desse massacre sem ressentimento, com propósitos e atos de quem fosse servido por 27 anos com o melhor da vida – isso excede o humano, O animal homem não é assim.” (...)

(Jânio de Freitas)

Eu sei: “toneladas” de papéis já foram escritos sobre Nelson Mandela.

Mas, brevemente, eu só queria ressaltar algo que me tocou muito na sua vida – que é a existência de um dos maiores seres do século XX (ou de todos os tempos).

Queria tentar iluminar um caminho para a reflexão: a capacidade impressionante do Perdão. Sim. Perdão. Não o perdão facilitário das telenovelas, de “boca”, que se diz todos os dias.

Algo profundamente enraizado no coração, internalizado durante tantos anos de privação da liberdade.

Por um objetivo maior que ele mesmo: seu país e seu povo.

Com muito esforço, contaremos nos dedos (de uma só mão), seres desta estirpe. Dessa grandeza.

Saiu da prisão sem ressentimento, quando seria capaz (com uma só conclamação) de colocar fogo na África do Sul.

São exemplos que ainda nos dão esperança na espécie humana.

Tal esperança anda escassa, pela brutalidade dos modelos existentes, pela exclusão, pela desigualdade obscena, pela traição dos valores mais caros, pela negação do outro, pelo individualismo intenso, pela prevalência dos corações secos e duros.

Pelo desejo constante de vingança.

Uma luz como Mandela, é um farol: de misericórdia, de compaixão.

E uma sensação de orfandade invade o planeta, repleto de guerras – mesmo no seu país, com tanta violência, com a Aids atingindo taxas elevadíssimas.

Meu pai dizia que o Bem iria vencer – na batalha final, dos Anjos contra os Demônios (do racismo, do egoísmo, do preconceito, da mesquinha, da inveja, da cobiça, enfim, dos baixos instintos).

Há momentos em que a gente chega a duvidar. Mas é preciso acreditar E que façamos (diariamente) a nossa parte.

Ainda assim, Mandela foi maior que o seu tempo.

Foi maior que ele.

Ofertou-nos, como dádiva eterna, o mais precioso presente: a esperança.

Mostrou que o perdão mais profundo – mesmo que muito difícil – é possível.

Alvíssaras!

Vai, Mandela, ilumina outros espaços. Dialeticamente, seguirás em frente.

Quem sabe, em um lugar pobre e modesto, talvez numa manjedoura, apareçam outros mandelas.

(Brasília, dezembro de 2013)

Emanuel Medeiros Vieira é escritor, poeta, professor e crítico literário.



Mandela

Natal em trovas!

Débora Novaes de Castro

Jesus Cristo, Deus-menino,
manjedoura da Judeia,
de Belém, o seu destino,
redimir toda a colmeia.

Colmeia privilegiada
a da natureza, aos seus,
tal como o uma abelha enviada
do bel apiário de Deus.

O Filho de Deus, em Terra
no cumprir da Redenção,
coleta do mel que encerra
no favo da cruz, missão.

Tal colmeia, tal abelha,
estrela, esplendente luz,
o Natal febril centelha
manjedoura de Jesus!

Natal. 2013

Débora Novaes de Castro,
das Academias Cristã de Letras
e Paulista Evangélica de Letras,
é associada da UBE-SP, UBT-SP,
e outras Instituições culturais.

CEHC/Grupo de Debates NOÉTICA

www.noetica.com.br



Saiu o Volume nº 9 da coleção PALAVRAS ESSENCIAIS que trata do tema ÁTRIO DOS GENTIOS.

Com coordenação de João Barcellos e selo da Edicon, com apoio do Centro de Estudos do Humanismo Crítico (Portugal) e do Grupode Estudos Noética, vários intelectuais latino americanos discutem os dogmas místicos e sua relação social.

João Barcellos coordena, também, a coleção DEBATES PARALELOS, hoje com 8 volumes.

EDICON: Tel.: (11) 3255-1002.

Todo mundo adora ver
uma caricatura bem
feita. E bem feito
pra você que
ainda não tem.



www.xavi.com.br



Lançamentos e Livros

Rápidas notas sobre "Porta de Academia"

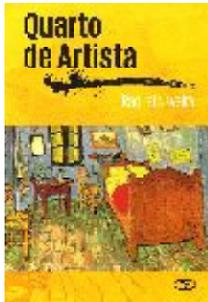
Quarto de Artista, de Raquel Naveira, Ibis Libris, Rio de Janeiro, RJ, 178 páginas.

A autora é escritora, poeta, cronista, ensaísta, advogada, professora universitária, colaboradora do jornal Linguagem Viva e Mestre em Comunicação e Letras.

Segundo Antonio Carlos Secchin, "Quase tudo cabe neste *Quarto de Artista: a poesia, o ensaio, a crônica, a ficção*, numa orquestração de textos bem regida por Raquel Naveira."

Ibis Libris: ibislibris@gmail.com

Livraria Cultura: www.livrariacultura.com.br



Hilda Gouveia de Oliveira

Em visita a Fortaleza, li com imensa satisfação o excelente **Porta de Academia**, trabalho dedicado a uma série de escritos do conhecido ficcionista José Maria Moreira Campos; agraciado com o prêmio literário **Secult CE**, e com o **Prêmio Otacílio de Azevedo**, a bem-estruturada obra inclui interessantes, muito bem-escritas e variadas páginas em que a crônica leve e frequentemente irônica comunga com a veia específica do conto, deixando transparecer a preferência de Moreira Campos pela natureza incisiva e rápida dessa forma de ficção. Por iniciativa da Universidade Federal do Ceará, a recente reedição desses textos surge enriquecida pela apresentação, de autoria do escritor Gilmar de Carvalho, pela coordenação da Doutora Neuma Cavalcante, e pelo trabalho de organização, introdução e notas realizado pela Professora Isabel Gouveia Ferreira Lima.

Demonstrando a pertinência das escolhas temáticas, bem como as admiráveis qualidades de concisão e de expressividade, a escrita de Moreira Campos convoca a emoção do leitor, ora empregando os artifícios do riso divertido ou irônico, ora apelando para sentimentos de saudade, de perda, de frustração e de piedade, ora insinuando desencanto logo sufocado por manifestações de amor à vida e aos seres humanos em geral. Nas primorosas páginas do livro, fundem-se elementos de crítica literária e agudeza de crônica enxuta, sugestiva e marcada pela invejável naturalidade que banha toda a escritura de ficção do excelente contista cearense.

Partindo da leitura das notas autobiográficas estampadas nas "ore-

lhas" do livro, o leitor passa a apreciar as eficientes páginas escritas pelo Professor Gilmar de Carvalho, admira a criteriosa e competente ordenação do livro, como praticada pela Doutora Neuma Cavalcante, e entrega-se prazerosamente à lucidez da precisa e admiravelmente esclarecedora Introdução escrita pela Professora Isabel Gouveia Ferreira Lima. A partir desses estágios, o leitor invade de surpreendente riqueza do texto de Moreira Campos, e logo se deixa envolver pela propriedade da linguagem nele utilizada, pela inteligente escolha dos tópicos abordados, pela viva pintura do espaço, e pela indubitável capacidade de observar e de tornar relevantes todos os incidentes ali descritos e comentados.

Curiosamente, como em toda a literatura de Moreira Campos, "**Porta de Academia**" cultiva métodos narrativos sem afetação, enxutos e claros; entretanto, enquanto obediente à norma culta da linguagem, demonstra o talento do escritor tipicamente nordestino, que, irônica ou melancolicamente, retrata com precisão a variedade feliz-infeliz das contradições humanas, a seiva da própria experiência nordestina, a fala, as crenças, os costumes, a sagacidade e a rapidez inteligente do filho da "terra do sol." Entre outros fatores louváveis, a relevância desse lastro de conhecimento e de afetividade dá ao bem-construído texto de "**Porta da Academia**" um sabor verdadeiro, agradável e sugestivo.

Hilda Gouveia de Oliveira é escritora, professora, historiadora e pós-graduada em Literatura.

A Face do g do Enigma: José Alcides Pinto e sua escrita literária, de Dimas Macedo, Impreco Gráfica e Editora, 2ª edição, Fortaleza, CE, 76 páginas. A ilustração é de Geraldo Jesuino da Costa.

O autor é escritor, poeta, jurista, historiador, crítico literário, professor da Universidade Federal do Ceará e membro da Academia Cearense de Letras e da Academia de Letras e Artes do Nordeste.

Dimas faz um estudo, crítica e interpretação da obra de José Alcides Pinto, autor cearense que é vanguardista e ativo concretista. A obra inclui bibliografia e um roteiro biográfico de Alcides Pinto.

Impreco: Impreco@hotmail.com



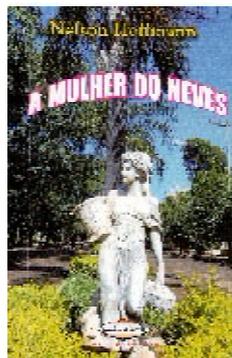
A Mulher do Neves, romance de Nelson Hoffmann, Editora da Uri, Santo Ângelo, RS, em coedição com a Editora Iedix, Florianópolis, SC, 324 páginas.

O autor é escritor, ensaísta, romancista, cronista, advogado e contabilista.

A narrativa investiga o misterioso assassinato da Dona Zefa - a mulher do Neves -, que é estrangulada e encontrada morta na sua cama. O Dr. João Roque Landblut é chamado para investigar o caso e aciona a sua equipe para ajudá-lo na investigação.

Nelson Hoffmann:

nelson.hoffmann@yahoo.com.br



Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...

Haicais: SOPRARDAS AREIAS - ALJÔFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL

Opções de compra: Livraria virtual **TodaCultura:** www.todacultura.com.br

via telefax: (11)5031-5463 - E-mail: debora_nc@uol.com.br - Correio:

Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo - SP - Cep 04634-040.





Jean-Paul Mestas

Jean-Paul Mestas, escritor, poeta, editor e tradutor, faleceu no dia 27 de novembro, em Paris, França. Fundou os cadernos de poesia *Jallons*, em 1977, com Christiane Mestas, artista plástica e sua esposa. Autor de vasta obra poética, traduzida em mais de 25 idiomas. Publicou e traduziu poemas de Rosani Abou Adal nas revistas *Rimbaud* e *Jallons*, nas antologias *Reflexos da Poesia Contemporânea do Brasil, França, Itália e Portugal* e *Um Mundo no Coração*, pela Editora Universitária de Lisboa, Portugal, edição bilingue francês e português; e *Bresil 500 Ans, Cahier Particulier, Jallons*, França.

Raquel Naveira proferiu palestra sobre as obras de Maria de Lourdes Teixeira e Stella Carr, no projeto *Memória da Literatura Paulista* da Academia Paulista de Letras, no dia 7 de novembro. www.youtube.com/watch?v=12W-13XtYUs&feature=youtu.be.

Ferreira Gullar foi agraciado com 6º Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura 2013, pelo conjunto da obra. Na categoria ficção foi laureado Nilton César Tridapalli e Rogerio Luz em poesia.

O Projeto Poesia Viva, idealizado e coordenado por Andreia Donadon Leal, foi tema da reportagem especial produzida por Ana Pessoa, com imagens de Lúcio Alves, elaborada pela equipe de Marcelo Canellas, repórter de matérias especiais do Fantástico, exibido no dia 10 de novembro. <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2013/11/escritora-cria-projeto-de-distribuicao-de-livros-em-cidade-historica-de-mg.html>

Notícias

Napoleão Valadares lançou *História de Arinos*, pela André Quicé Editor, com apoio da Associação Nacional de Escritores, no dia 7 de dezembro, na Churrascaria Fogão a Lenha, em Arinhos, MG.

Klaxon, revista modernista que circulou entre maio de 1922 e janeiro de 1923, foi lançada em edição fac-símile, em nove volumes, pelo Instituto de Cultura Contemporânea e pela Editora Cosac Naify.

Doris Lessing, laureada com o Prêmio Nobel de Literatura, faleceu no dia 17 de novembro, em Londres, aos 94 anos. Nasceu em 22 de outubro de 1919, em Kermanshah, no Irã.

Síria Fala: Arte e Cultura da linha de frente, antologia que reúne ensaios, contos, poemas, músicas, fotografias, quadros, desenhos e ilustrações de escritores e artistas sírios, Editora Saqi Books, foi laureada com o prêmio inglês PEN.

O Prêmio Paraná de Literatura 2013, promovido pela Biblioteca Pública do Paraná, laureou *Meu Primeiro Morto*, de Jaci Palma, melhor romance (prêmio Manoel Carlos Karam); *Ensaio Sobre o Entendimento Humano*, de Caetano Galindo, contos (prêmio Newton Sampaio) e *Fábulas para Adulto Perder o Sono*, de Adriane Garcia, poesia (prêmio Helena Kolody).

Gabriel Bicalho lançou *Alquimia do Azul*, no dia 30 de novembro, na reunião da Academia de Letras, Artes e Ciências Brasil, realizada no auditório do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFOP.

Andreia Donadon Leal foi agraciada com a Comenda Teófilo Ottoni. A láurea foi entregue pelo vice-governador Alberto Pinto Coelho, no dia 29 de novembro, no Palácio Tiradentes, na Cidade Administrativa Presidente Tancredo Neves.

Cleber Pacheco lançou *A Arte Poética de Aricy Curvello*, obra que reúne ensaios a respeito da poesia bem como a Fortuna Crítica do poeta em estudo.

Elena Poniatowska, escritora mexicana, foi laureada com o Prêmio Cervantes com a importância de 125 mil euros.

A I Feira do Livro da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, realizada de 22 a 30 de novembro, em Luanda, Angola, reuniu editores, livreiros, escritores e bibliotecários dos países de língua portuguesa e promoveu a VIII Reunião de Ministros da Cultura.

A Revista Arganilia, edição nº26, em Homenagem ao Prof. João Alves das Neves, dirigida por Nuno Mata, será lançada no dia 12 de Janeiro de 2014, em Portugal, com a colaboração da Comissão de Melhoramentos e Beneficência do Pisão. A edição abrigará fotobiografia do homenageado e textos de Beatriz Alcântara, Dalila Teles Veras, Idalina da Conceição Gomes, Ives Gandra da Silva Martins, Maria Beatriz Rocha-Trindade, Paulo Veiga, Regina Anacleto, Rui Fernão Mota e Costa, Teresa Rita Lopes, entre outros.

Álvaro Alves de Faria lançou o livro de poemas *O uso do punhal*, pela Escrituras Editora. A apresentação do texto das orelhas é de Carlos Felipe Moisés e as ilustrações são de Sérgio Gomes.

A Associação Paulista de Críticos de Arte divulgou a lista dos melhores do ano. Em Literatura foram laureados *Toda Poesia*, de Paulo Leminski; *Lívia e o Cemitério Africano*, de Alberto Martins; *Holocausto Brasileiro*, de Daniela Arbez; *As Gêmeas da Família*, de Stella Maris Rezende; *Rabo de Baleia*, de Alice Sant'Anna; *Garimpo*, de Beatriz Bracher; *Flores e Norberto Bobbio: Trajetória e Obra*, de Celso Lafer.

Ler, Incluir e Transformar!, projeto da Fundação Dorina, com apoio do Ministério da Cultura, distribuiu 150 mil livros no formato Braille, Áudio, Ampliado e Daisy para 3.000 instituições.

A Comissão de Educação da Câmara dos Deputados aprovou, no dia 13 de novembro, o Projeto de Lei 3304/12, do ex-deputado Edivaldo Holanda Junior, que institui o Programa Nacional do Livro Técnico e Profissionalizante.

O Prêmio Literário da Fundação Biblioteca Nacional 2013 laureou *Opisanie Swiata*, de Verônica Stigger, na categoria romance; Armando Freitas Filho, com *Dever*, na categoria poesia; e Cintia Moscovich, com *Essa coisa brilhante que é a chuva*, na categoria contos.

O Sistema Integrado de Bibliotecas da USP inaugurou, no dia 12 de dezembro, novos espaços no Complexo Brasileira USP e a exposição *Quixote, entre a palavra e a imagem*, com base na Coleção Cervantina Publio Dias, constituída por Sebastião Publio Dias da Silva, que ficará em cartaz até o dia 1 de março de 2014.

José Luiz Passos com *O sônambulo amador* (Alfaguara), foi agraciado com o Prêmio Portugal Telecom na categoria romance e com o Grande Prêmio Portugal Telecom. Eucanaã Ferraz foi laureada na categoria poesia, com *Sentimental* (Companhia das Letras), e Cíntia Moscovich, na categoria contos/crônicas, com *Essa Coisa brilhante que é a chuva* (Record).

A Academia Brasileira de Letras elegeu nova Diretoria para o ano de 2014 empossada no dia 19 de dezembro, no Salão Nobre do Petit Trianon. A academia será presidida por Geraldo Holanda Cavalcanti. Diretoria: Secretário-Geral: Domício Proença Filho; Primeiro-Secretário: Antonio Carlos Secchin; Segundo-Secretário: Merval Pereira; e Tesoureiro: Rosiska Darcy de Oliveira.

Aprender a cuidar na convivência, de Magda Vilas-Boas, foi lançada pelas Edições Loyola.

Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão - Aulas Particulares - Digitação

Tel.: (11) 2796-5716 - portsonia@ig.com.br